



## O PDT E O SOCIALISMO TRABALHISTA: ENTRE ANTIGAS E NOVAS TRADIÇÕES

Izabel Cristina Gomes da Costa\*

Universidade Candido Mendes

**RESUMO:** O “Novo Trabalhismo” combinava a dimensão do antigo e do novo. O compromisso com o ideário socialista constituiu-se numa novidade do seu programa a partir de 1979. Este texto visa analisar as tradições preservadas pelo “Novo Trabalhismo” no processo de reconstrução da sua agremiação, e como ele propôs combinar a esta trajetória política novos elementos advindos das concepções socialistas. Assinala-se também a incidência fundamental da experiência de governo de estado no Rio de Janeiro logo no início da sua organização, depois de mais de uma década de interrupção dessa experiência, assim como a centralidade do alcance da presidência da república como elemento central para a construção do seu projeto de poder no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVES:** Novo Trabalhismo – Socialismo – tradições

### *The PDT and the Labour Socialist: Between old and new traditions*

**ABSTRACTS:** The “New Labour” has combined the old and new in its outlook politic. The commitment to socialist ideals constituted a novelty in its program since 1979. This paper aims to examine the traditions preserved by the "New Labour" in the reconstruction process of their association, and how he proposed to combine this new political path elements from the socialist conceptions. It also notes the incidence of the experience of state government in Rio de Janeiro at the beginning of its organization, after more than a decade of interruption of this experience, and the centrality of victory in elections for president of Brazil in 1989 for the construction of its power project in the country.

**KEYWORDS:** New Labour – Socialism – Traditions

Apesar dos prognósticos anunciados, o principal herdeiro da tradição populista no Brasil não havia sido abatido definitivamente pelo golpe civil-militar de 64. No final dos anos setenta, o PTB ressurgia revigorado, e trazia consigo uma novidade: a opção pelo socialismo democrático. De início, as expectativas quanto à formação de um partido nos moldes da social-democracia europeia, já que a ela o trabalhismo se associava através do Partido Socialista Português (PSP), reanimava diversas correntes,

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

\* Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense, professora do curso de Direito da UCAM e das redes públicas de ensino do Rio de Janeiro e de Duque de Caxias.



líderes e militantes que concorreram pela hegemonia política dos trabalhadores durante os anos sessenta.

Mas o trabalhismo queria mais. Numa dura crítica ao MDB, ele queria se postular como a verdadeira oposição no Brasil à ditadura militar. Afinal, desde 64, a maior sangria havia acontecido no seu interior devido às perseguições e exílios dos quadros trabalhistas. Eram ambiciosos. Desde o Encontro de Lisboa o trabalhismo movimentava o imaginário de militantes das esquerdas, das direitas brasileiras e dos populares que ainda se lembravam vivamente das experiências do pré-64, das lideranças de Jango e Brizola, e, sobretudo, da memória de Getúlio Vargas.<sup>1</sup>

Imbricado ao trabalhismo, também reaparecia no final dos anos setenta o conceito que o perseguia. O populismo reocupava o seu lugar central na cena política. Verdadeiras batalhas das memórias se digladiaram e incidiram diretamente sobre as opções políticas que se apresentavam no país. As imagens e conceitos mobilizados no pré-64 retomavam a sua força diante do fenômeno revivido.

Assim o reaparecimento do PTB também mobilizava seus opositores. Reforçava a perspectiva e as iniciativas daqueles homens e mulheres que refutavam a experiência pregressa, condenada à morte pelos vícios, percebidos como inerentes ao trabalhismo, e, portanto, insanáveis: o populismo, a manipulação, o clientelismo e a demagogia. Queriam o novo. Eram o novo. A eclosão de um forte movimento operário nas regiões industriais mais modernas do Brasil parecia confirmar que aquele sindicalismo nada tinha a ver com a tradição anterior. Ele representava o amadurecimento da classe trabalhadora brasileira, um marco “superior” às experiências do pré-64, dotada de uma “verdadeira consciência de classe” e que não se deixaria mais manipular.

Entre os trabalhistas, como o ministro da saúde de João Goulart, Wilson Fadul, a definição expressava uma visão deformada do processo político brasileiro, difundida por dois segmentos:

---

<sup>1</sup> Anísio Kader relembra-se da força do trabalhismo nas comunidades populares cariocas. Construindo o PDT na 20ª zonal, ele entrava em várias casas para filiar as pessoas, obedecendo à legislação eleitoral da época: “em várias casas onde eu entrei o meu trabalho era facilitado porque lá estava uma fotografia do Jango, do Brizola, do Getúlio quase sempre (...). Era aquilo que o Brizola chamava de memória popular. Porque em 80 estavam vivos ainda aqueles eleitores trabalhistas das décadas de 50, 60. (...) E quando um deles já tinha morrido, o filho 'pô, mas meu pai vivia falando em Getúlio, Brizola, me dá a ficha aqui'”. KADER, Anísio. **Entrevista**. RJ, 2008.



*“os liberais afastados da cena política a partir de 1937 e a esquerda ortodoxa com grande influência no seio dos intelectuais e da juventude e que não concebia um movimento de massas não submetido ao rigor de suas convicções doutrinárias”.*<sup>2</sup>

Outro pedetista, Eduardo Chuahy, um dos signatários do pedido de legenda do PTB, realizando uma clivagem entre os dois períodos, destacava a sedução de parte das esquerdas pelo termo:

*“seduzida pela academia paulista, se apresenta como algo 'novo'. Incorpora a confusão conceitual existente. Não haveria mais 'pelegos e populistas'. O 'populismo' seria substituído pela massa organizada dos trabalhadores. Todas as conquistas sociais foram esquecidas. A massa trabalhadora, que era vista por eles como amorfa e manipulável, teria agora seus novos defensores”.*<sup>3</sup>

O retorno do PTB revolvía antigas batalhas que não haviam sido totalmente enterradas com a pretensa “morte” do populismo em 1964. Pelo contrário, confortavelmente ancorado sobre o status acadêmico, um ponto em comum sustentava as concepções disseminadas à direita e à esquerda: o populismo era um elemento perigoso e nefasto da política nacional. Era impossível ter uma relação de confiança com ele.<sup>4</sup>

O termo populismo enraizou-se de tal maneira na política brasileira que o seu uso se estendeu até mesmo entre aqueles que mais sofreram com o emprego do conceito. No seio do trabalhismo a noção não havia sido descartada da luta política. Ela também azeitava os embates. A referência não havia perdido a sua força nem a sua conotação extremamente negativa. Rememorando a reconstrução do PTB no final da

<sup>2</sup> CHUAHY, Eduardo. **Populismo, a quem serve a confusão conceitual?** RJ: Ed. Autor, 2002. p. 7.

<sup>3</sup> Ibid.

<sup>4</sup> Ao termo populista vinculavam-se as imagens e as qualificações mais negativas do universo da política, como má-fé, traição, demagogia, manipulação e clientelismo. FERREIRA, Jorge. **O populismo e sua história. Debate e crítica.** RJ: Civilização Brasileira, 2001, p. 7-16 e 59-124.



década de setenta, vários trabalhistas identificavam o populismo como uma chaga da sigla no pré-64:

*“E nós começamos a nos reunir regularmente, trabalhando de forma permanente pela reconstrução do trabalhismo, com uma visão diferente, fazendo críticas ao passado que nós questionávamos do velho PTB, das suas posições sobre a questão do populismo, sobre a definição se nós queríamos um partido de massas que buscasse realmente o socialismo”.*<sup>5</sup>

Observando o comportamento do termo neste início de milênio é fácil averiguar que ele continua solidamente fincado na cena política brasileira. Quem quer ser chamado de populista? Seu conteúdo “demoníaco” é periodicamente reavivado, surgindo novos representantes no Brasil. E ele nem sempre obedece à clivagem direita-esquerda. Entretanto o fio que lhe traz sentido não se perde. Populista é aquele que, de alguma forma, tenta se aproximar e estabelecer vínculos mais próximos com as classes populares. E estas, como são “amorfas”, “inorgânicas”, “rudes” e até mesmo “ignorantes”, só podem sustentar uma relação por meio de artifícios manipuladores, demagógicos e clientelistas. As práticas que historicamente pretenderam definir o populismo ainda encontram-se disseminadas na política brasileira. Entretanto identificar alguém como populista acaba isentando o outro que acusa. Por exclusão o político “não populista” libera-se das chagas incuráveis dos primeiros.

A cristalização do epíteto em verdade incontestada, entretanto, não impediu que abordagens alternativas demonstrassem a crescente insatisfação com o uso tradicional do conceito.<sup>6</sup> Trabalhos pioneiros rejeitaram o populismo como um elemento chave para a compreensão da rica experiência vivida pela sociedade brasileira a partir da década de trinta. Em seu lugar a ideia de um pacto, um pacto trabalhista que pressupunha um papel

<sup>5</sup> FERREIRA, Luiz Henrique. *Entrevista*. RJ, 2008.

<sup>6</sup> Na historiografia atual o termo vem sendo crescentemente questionado. Estudos refutam os principais aspectos que definiam classicamente o populismo. Conceitos como circularidade, por exemplo, auxiliam na construção de novas abordagens, e vários historiadores, como Jorge Ferreira, dedicam-se a investigar as diferentes maneiras de apropriação pela população brasileira das mensagens transmitidas por Getúlio Vargas ou pelas lideranças trabalhistas. Da mesma forma, autoras como Ângela de Castro Gomes e Lucília de Almeida vem apresentando a evolução do trabalhismo e a consolidação do seu projeto político-ideológico, o nacional-estatismo.



ativo de ambos os lados – trabalhadores e Estado – mesmo que de forma assimétrica. Abria-se assim uma nova perspectiva para compreender as lutas travadas pelos trabalhadores brasileiros no período pré-64, condenados por grande parte da historiografia a assumir um papel coadjuvante. Na visão de Castro Gomes:

*“A ideia de pacto procurava enfatizar a relação entre atores desiguais, mas onde não há um Estado todo-poderoso nem uma classe passiva porque fraca numérica e politicamente. A lógica deste pacto, cuja efetivação estava sendo datada, precisava ser entendida numa perspectiva temporal muito mais ampla, que conectava o período do pré- e do pós-30 e as experiências aí vivenciadas pela classe trabalhadora e pelo Estado”.*<sup>7</sup>

PDT: o trabalhismo como o caminho brasileiro para o socialismo?

No dia 26 de maio de 1980, treze dias após o ato que enterrava<sup>8</sup> o “velho PTB” para parte dos trabalhistas, antigos e neófitos, nascia das suas entranhas um “PTB de esquerda”. Radical. Ele fora nomeado de Partido Democrático Trabalhista. O PDT nascia ungido por fortes heranças e inventando novas tradições.

O nome, de início provisório, gerou polêmica até o Encontro de Mendes, no dia 23 de janeiro de 1983. Apesar de declarar-se socialista desde 1978 – é verdade, uma menção tímida na Carta de Lisboa<sup>9</sup>, havia divergências quanto à presença do termo na sigla que identificaria o partido, acenando de forma inequívoca a imbricada relação entre socialismo e trabalhismo.

Theotonio dos Santos relatava que um grande grupo propôs a mudança do termo democrático para socialista. Segundo ele, Brizola não gostava da ideia e se apoiou numa das suas intervenções durante a reunião:

<sup>7</sup> GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. RJ: IUPERJ/Vértice, 1988. p. 47-48.

<sup>8</sup> A perda da sigla PTB para Ivete Vargas fora eternizada pelo dramático gesto simbólico de Leonel Brizola. No dia 13 de maio de 1980, no hotel Ambassador, o líder trabalhista, aos prantos, rasgava uma folha de papel sobre a qual a antiga sigla petebista estava escrita. E anunciava: “eles destruíram o PTB, mas não irão nos calar” FERNANDES, Aurélio. **O brizolismo e os 21 anos de PDT**. Texto. RJ, 2001.

<sup>9</sup> PDT. **Carta de Lisboa**. Lisboa: Junho de 1979. in: PDT. Cartas, programa, estatuto, artigos e textos. Volume único, PDT, RJ, 2006.



*“Não, o Brizola não tem uma tradição socialista. Eu tenho tradição socialista, para mim não seria problema pertencer a um partido socialista. Mas por que o Brizola pertencer a um partido socialista se ele vem de um movimento nacional-democrático, com outra problemática? E ele está aceitando evoluir para o socialismo, ele está evoluindo na direção do socialismo. Seria falso nós colocarmos para o povo brasileiro que, de repente, nós somos um movimento socialista. Nós somos basicamente um movimento nacional-democrático que evolui para o socialismo, que se propõe conduzir, avançar para o socialismo”.*<sup>10</sup>

Não estava em questão a ênfase do projeto a ser desenvolvido a partir da abertura política brasileira? Afinal o que era mais forte, o apelo “democrático” ou o “socialista”? Era apenas uma acomodação com aqueles que nem sempre partilharam desta tradição? A incompreensão do povo brasileiro quanto ao conteúdo socialista? Ou a resistência também presente não apenas nas hostes do “velho PTB ivetista”?

### O socialismo pedetista e as tradições trabalhistas. O que resgatar?

Não é fácil incorporar como parte do “novo” uma herança imersa em tantas polêmicas. E este fora o caso do “PTB de Lisboa”. Justificando-se, um aspecto da sua atuação era defensivo. Necessitava demonstrar sempre em que medida não reproduzia mais os “vícios” trabalhistas do pré-64. Para outros tais explicações eram estéreis. As “deformações” eram inerentes. Logo, a imagem mais duradoura do PTB imputava-lhe um “vício de origem”. Ilegítimo, a sua fundação significava mais uma das artimanhas getulistas – corrupção, fisiologismo, aparelhismo.<sup>11</sup> Ele representava apenas a estratégia dos partidários do Estado Novo que pretendiam se manterem ativos no cenário político brasileiro do pós-guerra, continuando a manipulação da boa-fé do povo brasileiro. Uma arquitetura maquiavélica suportava o PTB.

www.veredasdahistoria.com

<sup>10</sup> SANTOS, Theotônio dos. *Entrevista*. RJ, 2008.

<sup>11</sup> FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista. Getulismo, PTB e cultura política popular*. RJ: Civilização Brasileira, 2005. p. 11.



Comparando a sua fundação com a experiência inglesa do *Labour Party* ou do PT no final dos anos setenta, certamente a historiadora Maria Celina d'Araújo tem razão em destacar que a agremiação

*“não surgiu do esforço e do planejamento de lideranças sindicais. Foi um projeto gestado dentro do governo, a partir de 1942, quando se começou a estudar formas de transição para a democracia. O que se nota é que os dirigentes sindicais cederam ao apelo do governo e se incorporaram ao partido”*.<sup>12</sup>

A interessante questão é por que cederam se aquele era um momento de críticas à ditadura estadonovista, que, afinal, mobilizava parte da sociedade? Podem explicar a adesão ao projeto o reconhecimento dos trabalhadores às demandas sociais encaminhadas por Vargas (manifestadas, sobretudo, através do movimento queremista) e o temor de que elas estivessem ameaçadas sob a égide de outro governo. Diante de um comunismo fortalecido, a formação de uma nova agremiação também aparecia como uma alternativa àqueles que apoiavam a obra getulista, mas que não se enquadravam numa perspectiva bolchevista. Dessa forma a inviabilidade dos ideólogos do governo de manterem a ideia original de criar um único partido varguista não pode ser resumida apenas a uma disputa interna do Estado Novo. Segundo a historiadora Angela de Castro Gomes, a fundação do PTB consagrava a consolidação de um pacto social e o impacto ideológico de um projeto governamental centrado na mitologia do trabalho<sup>13</sup>. Isto fez do PTB ao longo dos anos 50 e 60, à medida que radicalizava uma série de novos elementos políticos, um projeto pouco confiável para as elites brasileiras, inclusive para aquelas que tinham referência no getulismo.

Mas quais heranças o antigo PTB deixava para o PDT nos anos oitenta?

Em seu último ato, Getúlio Vargas legara para o trabalhismo o seu principal patrimônio político, a Carta Testamento. O suicídio, no fatídico dia 23 de agosto de 1954, tornara-se uma segunda fundação do PTB. Um documento simbólico, ela constituía-se num lugar de memória, representando até aonde as forças conservadoras

<sup>12</sup> D' ARAÚJO, M<sup>a</sup> Celina S. **Sindicatos, carisma e poder. O PTB de 1945-65**. RJ: FGV, 1996. p. 41.

<sup>13</sup> GOMES, Op. cit., 1988, p. 288.



iriam para assenhorear-se do poder, mas também a resistência heroica daquele que se imolara para impedir tal avanço.

O “Novo Trabalhismo” de Lisboa incorporava a herança de varguista a partir da abordagem produzida por Leonel Brizola no pré-64. Nesta leitura o dirigente pedetista, a partir dos elementos pinçados da Carta Testamento, radicalizava o nacionalismo getulista, dotando-o de uma feição anti-imperialista e revolucionária, mais conectada ao ambiente político dos anos sessenta.<sup>14</sup>

O PDT também herdara uma série de contribuições doutrinárias originadas do PTB. Estão presentes desde a sua fundação as referências ao trabalhismo inglês. Todavia, na concepção de Alberto Pasqualini,<sup>15</sup> o modelo brasileiro diferenciava-se do britânico. Ele não possuía uma “*indole socialista*”. O trabalhismo petebista era capitalista e conservador. Instintivo, ainda não possuía uma concepção social definida. Vago, preocupava-se mais em “*preservar as conquistas da legislação trabalhista do que fazer novos avanços*”. Avaliava a pobreza não sobre o prisma da injustiça social em si, mas “*como um perigo para a paz social*”. Identificando a existência de variações de capitalismo e socialismo, o trabalhismo era uma terceira via e ele equivalia ao “*capitalismo solidarista*”.<sup>16</sup>

Nos anos sessenta concretizava-se a percepção de Pasqualini de que o trabalhismo brasileiro precisava avançar em direção a concepções mais nítidas quanto ao seu programa. E ele caminhava do centro para a esquerda. De maneira muito empírica, o PTB definia-se ainda como uma concepção alternativa ao socialismo soviético e ao capitalismo de tipo estadunidense. A recusa à “*polarização ideológica*”

---

<sup>14</sup> FERREIRA, Jorge. Leonel Brizola, os nacional-revolucionários e a Frente de Mobilização Popular. in: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.) **As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical. 1945-1964**. Vol. 2, RJ: Civilização Brasileira, 2007.

<sup>15</sup> O historiador Luís Alberto Grijó destaca a importância de Alberto Pasqualini sobre as elaborações trabalhistas a partir da queda do Estado Novo. Numa “*divisão de tarefas*” demarcada por uma “*complementariedade conflitiva*” com o líder máximo Getúlio Vargas, ele cumpria o papel de “*articulador do projeto de construção*” do PTB, “*líder regional*” no Rio Grande do Sul e “*doutrinador e teórico*”. GRIJÓ, Luís Alberto. Alberto Pasqualini: o teórico do trabalhismo. in: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). **As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical. 1945-1964**. Volume 2. RJ: Civilização Brasileira, 2007, p. 86.

<sup>16</sup> PASQUALINI, Alberto. **Bases e sugestões para uma política social**. Coleção Brasil – Debate, 2ª ed., PoA: Regel, 2008.p. 152; 49.





<sup>17</sup> e a centralidade adquirida pelas bandeiras nacionalista, reformista e anti-imperialista, proporcionavam maior radicalidade ao seu projeto.

Nos anos oitenta as noções de “*capitalismo humanizado*” e “*solidarista*” foram substituídas por proposições que afirmavam a concepção socialista.<sup>18</sup> Incorporando o “socialismo democrático” – bastante inspirado na social-democracia europeia, porém adotando um conteúdo mais radical diante da realidade brasileira – o “novo trabalhismo” mantinha fortes elementos do pré-64 como a ideia da terceira via, dos diversos tipos de propriedade e das características do nacional-estatismo.

O programa nacional-estatista dotou o PTB de pontos de convergência diante da sua grande heterogeneidade interna, esgarçada ainda mais no início da década de sessenta. Esta unidade fora estabelecida através de bandeiras comuns, centradas no reformismo, distributivismo e nacionalismo como elementos do projeto de modernização desenvolvimentista dirigido pelo Estado.<sup>19</sup>

O nacionalismo era uma marca do PTB, partilhada por várias vertentes do partido – “ideológicos” ou “fisiológicos” – dando-lhe uma visibilidade política e eleitoral <sup>20</sup>. Entretanto esta não era uma concepção unívoca. Neste caso é mais correto mencionar a existência de distintos nacionalismos em disputa no PTB. Fato já observado, estes embates chegaram a envolver o líder petebista incontestado, Getúlio Vargas, questionando-o pela sua moderação no episódio da criação da Petrobrás.<sup>21</sup>

---

<sup>17</sup> Moniz Bandeira definia Leonel Brizola como um “intérprete autêntico” da tendência mais radical do trabalhismo, não aceitando, contudo, qualquer tipo de polarização ideológica. MONIZ BANDEIRA, Op. cit., 1985, p. 30.

<sup>18</sup> As formulações de Pasqualini mantiveram forte ressonância dentro do PDT. Destaca-se a publicação do gaúcho Agenor Basso, assessor da bancada municipal pedetista em Caxias do Sul. A sua análise aproximava-se claramente da noção de “*capitalismo solidarista*” do teórico petebista: “*procurar, preservando o regime capitalista de propriedade privada dos bens de produção, transformá-lo progressivamente no sentido da solidariedade, da fraternidade e da justiça social, eliminando a usura, corrigindo as desigualdades, limitando o individualismo (...)*”. BASSO, Agenor. *PDT. Fontes trabalhistas. Realizações sociais*. Caxias do Sul, 2000, p. 140.

<sup>19</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. 1964: temporalidade e interpretações. in: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.) **O golpe e a ditadura militar quarenta anos depois (1964-2004)**. Bauru, SP: Edusc, 2004.

<sup>20</sup> D' ARAÚJO, Op. cit., 1996, p. 91.

<sup>21</sup> O nacionalismo varguista não representava a concepção mais radical no interior do PTB. A historiadora Maria Celina D'Araújo destaca a atuação de Euzébio Rocha e Lúcio Bittencourt, desafiando o projeto original de Vargas – mais moderado, ele propunha a criação da Petrobrás como uma empresa mista – a favor do monopólio estatal, proposta esta vitoriosa. Ibid. p. 92.



No transcorrer dos anos 50 a agremiação empunhou a bandeira da libertação nacional, interpelando o eleitorado com este discurso.<sup>22</sup> A morte de Vargas, as mudanças internacionais nas regiões mais pobres do planeta com a ascensão das suas insurreições impulsionaram o desenvolvimento de uma vertente nacionalista radical no trabalhismo. Na visão de Moniz Bandeira a prevalência dos interesses estrangeiros tornava-o uma premissa da emancipação social na periferia.<sup>23</sup> Apesar da predominância do viés radical, existiam outras variações nacionalistas no PTB. Destacava-se a figura de Santiago Dantas, que, representando uma concepção mais moderada, discordava da errônea identificação entre nacionalismo e estatismo. Para ele o PTB devia defender um nacionalismo não estatista, não antiamericanista, aberto ao setor privado, baseado na defesa prioritária dos trabalhadores.<sup>24</sup>

O antípoda do nacionalismo era o imperialismo. E as manifestações anti-imperialistas foram transmitidas pelo DNA do trabalhismo petebista. Esta bandeira não surgira apenas nos anos mais radicais do PTB. Combinando elementos cristãos e referências aos impérios da antiguidade, em meados dos anos quarenta, Alberto Pasqualini teorizava sobre o “*programa do futuro*”: “*corrigir os malefícios do capitalismo na ordem interna e banir o imperialismo na ordem externa.*”<sup>25</sup>

Todavia o conteúdo anti-imperialista das análises de Pasqualini era diverso. Ele significava a antítese do capitalismo solidarista: era egoísta, agressivo e opressor. Por isso devia ser extirpado. Nos anos seguintes os elementos anti-imperialistas alcançaram grande radicalidade no discurso e na ação trabalhista, adquirindo um caráter revolucionário.

Assim a luta anti-imperialista tornou-se uma co-irmã das bandeiras nacionalistas, principalmente através do viés antiamericanista. A sua principal liderança, Leonel Brizola, era o exemplo concreto desse processo. No discurso conseguira impor uma interpretação radical do nacionalismo e do anti-imperialismo de Getúlio Vargas.

---

<sup>22</sup> Ibid. p. 91.

<sup>23</sup> MONIZ BANDEIRA, Op. cit., 1985.

<sup>24</sup> GOMES, Angela de Castro. Trabalhismo e democracia. O PTB sem Vargas. in: GOMES, Angela de Castro (org.) **Vargas e a crise dos anos 50**. RJ: Relume Dumará, 1994. p. 144-146.

<sup>25</sup> PASQUALINI, Op. cit., 2008, p. 68; 69.



Na prática a expropriação das multinacionais norte-americanas, durante o seu governo no Rio Grande do Sul, expressava o compromisso efetivo com a causa.

Nos anos oitenta o trabalhismo preservava a sua forte herança nacionalista e anti-imperialista, atualizando o seu discurso. Dessa forma Leonel Brizola procurava se desvencilhar da imagem que marcara a sua trajetória antes de 64: um líder radical e anti-imperialista, “*que queria expropriar, indiscriminadamente, todas as empresas estrangeiras*”. Relocalizando as atitudes adotadas como governador gaúcho em relação à Bond & Share e à ITT – ele queria uma solução de entendimento, mantendo a soberania e o controle da tecnologia pela nação –, aproximava as mesmas da postura do regime militar frente à questão dos computadores. Um governo nacionalista no Brasil, naquele momento, não poderia desprezar o peso político das multinacionais no país – “*elas compõem o núcleo fundamental da infra-estrutura econômica das camadas dirigentes do Brasil*”.<sup>26</sup> O diálogo e a compatibilização da atuação do capital estrangeiro com os interesses nacionais e sociais se realizariam através do controle popular sobre as decisões do Estado. No Manifesto do PDT esta intervenção sobre o domínio econômico devia garantir o desenvolvimento nacional através de uma relação de independência e soberania frente aos governos estrangeiros e de uma rigorosa disciplinarização e controle do capital estrangeiro.<sup>27</sup> Era necessário estancar as perdas internacionais.

A privatização das estatais brasileiras também reforçava o viés nacionalista do PDT. A empresa estatal era um elemento estratégico na luta contra um modelo dependente – “*um instrumento de promoção do desenvolvimento econômico, especialmente nos setores estratégicos*”.<sup>28</sup> A ousada campanha privatista do governo do então presidente Fernando Collor de Mello revigorava os argumentos direcionados à luta anti-imperialista:

*“o país está oprimido, está coagido pelos grupos internacionais, pelo próprio Fundo Monetário Internacional, além do Banco Mundial. E*

<sup>26</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz A. **Brizola e o trabalhismo**. RJ: Civilização Brasileira, 1979. p. 180; 181; 196.

<sup>27</sup> PDT. **Manifesto**, s/d. in: PDT. Cartas, programa, estatuto, artigos e textos. Volume único, PDT, RJ, 2006. p. 27; 37.

<sup>28</sup> PDT. **Nosso caminho para o socialismo. Uma alternativa popular e anti-imperialista. Série Na Luta do Povo**, nº 2, RJ, PDT, Março de 1988/ dez 1990. in: Acervo do AMORJ: Fundo PDT.



*por trás de tudo está o governo dos Estados Unidos dando respaldo”.*<sup>29</sup>

Parlamentares pedetistas, como Luiz Alfredo Salomão, denunciavam a tentativa de desnacionalização da economia brasileira – “*ele escancara as portas da economia nacional à penetração do capital estrangeiro*”. E, sem defender a estatização indiscriminada, o deputado argumentava a necessidade de distinguir as empresas estratégicas daquelas que o Estado assumira para evitar falências de “empresários incompetentes”.<sup>30</sup>

Na visão do PDT este não era o caso da Usiminas. “*Moderna e lucrativa*”, Leonel Brizola prometia, como governante, questionar e anular a sua venda. Dessa forma desfazia-se de incompreensões advindas de suas mensagens – a compra da empresa por capitalistas nacionais e a presença de recursos de funcionários do BB e da Vale do Rio Doce haviam sido um “mal menor” – e das suas atitudes – “*como governador tenho o dever constitucional de manter a ordem, de dar garantias*”.<sup>31</sup>

A postura do principal dirigente pedetista demonstrava a sobrevivência de uma das diferenças existentes entre o PT e o PDT em relação à questão do nacionalismo. Para Aurélio Fernandes era uma “*divergência de fundo com o PT*”. A agremiação não havia compreendido a principal contradição no Brasil. E esta não era a relação entre capital e trabalho. Segundo ele, Darcy Ribeiro afirmava que o PT não entendia que o trabalhador brasileiro queria ser explorado, porque nem emprego tinha. E ele estava desempregado porque o Brasil era um país capitalista dependente.<sup>32</sup> No centro estava a luta anti-imperialista.

O PDT também herdou o forte caráter reformista do PTB. Traduzido pela bandeiras das reformas de base, elas expressavam o amadurecimento ideológico do partido no pré-64.<sup>33</sup> Esse programa amalgamava os elementos nacionalistas e anti-

<sup>29</sup> MANESKY, Osvaldo; SAPUCAIA, Madalena; BECKER, Paulo (orgs.), **Com a palavra Leonel Brizola**. RJ: s/ed., 1994. p. 92.

<sup>30</sup> SALOMÃO, Luiz Alfredo. **Privatizar a favor de que (m)? [19??]**. Acervo AMORJ: Fundo PDT.

<sup>31</sup> MANESKY et alii, Op. cit., 1994, p. 93; 95.

<sup>32</sup> FERNANDES, Aurélio. **Entrevista**. RJ, 2007.

<sup>33</sup> MONIZ BANDEIRA, Op. cit., 1985.



imperialistas, afinal, sem conter as perdas internacionais seria impossível desenvolver a nação e torná-la independente dos capitais estrangeiros.

No final dos anos setenta as lembranças das reformas de base resgatavam o desafio de reviver o seu papel renovador no período anterior. Relacionando esse programa ao caminho democrático, abortado em 64, os trabalhistas rerepresentavam uma política que respeitava os marcos institucionais: *“retomar as bandeiras daquela tentativa generosa de empreender legalmente as reformas institucionais indispensáveis para liberar as energias do povo brasileiro”*.<sup>34</sup>

Pouco mencionado, mas não menos importante, é a relação entre trabalhismo e cristianismo. Se nos anos cinquenta Paqualini advogava um trabalhismo em íntima relação com as principais concepções do catolicismo, expressando as tradições mais enraizadas da cultura do povo brasileiro, no final dos anos setenta o distanciamento era notório. Esta relação privilegiada desenvolvia-se prioritariamente no seio do Partido dos Trabalhadores, demarcado pela grande influência dos setores advindos principalmente das comunidades eclesiais de base. Na visão de Theotônio dos Santos as dificuldades de diálogo com a Igreja permaneciam latentes mesmo após a sua guinada em direção à oposição à ditadura civil-militar. O antitrabalhismo continuava como uma forte marca do pensamento católico brasileiro e as avaliações em relação a 64 também eram muito problemáticas. Prevalcia a concepção de que a ditadura começara de fato no Brasil a partir de 1968. Justificavam-se os acontecimentos de 64 pelo viés da “crise do populismo”.<sup>35</sup> Assim alguns depoimentos de pedetistas destacavam a maior laicidade do PDT.

No início dos anos oitenta do PTB nascia o PDT. Transitando entre antigas e novas tradições, as “virtudes” eram incorporadas ao projeto renovador. Quanto aos “vícios”, poucas reflexões sobre as suas origens e razões, mas muitas promessas de não mais repeti-los. Eles haviam ficado para trás com o “velho PTB”. O que importava era o “novo trabalhismo”.

## O socialismo pedetista: a invenção de uma nova tradição

<sup>34</sup> PDT. **Carta de Lisboa**. Op. cit., 2006. p. 9.

<sup>35</sup> SANTOS, Theotônio dos. **Entrevista**. RJ, 2008.



Refletir sobre a relação entre trabalhismo e socialismo não era algo totalmente inédito no petebismo. Nos anos sessenta, um sentimento era partilhado por muitos trabalhistas e seus aliados. Theotonio dos Santos afirmava que a palavra socialismo aparecia eventualmente, mas *“era evidente que o movimento popular brasileiro tendia a superar a idéia de um desenvolvimento capitalista e começava a criar as bases para uma transformação social mais profunda, de caráter socialista”*.<sup>36</sup>

A novidade trazida pelo encontro de 1979 era a incorporação da estratégia socialista ao revigorado programa trabalhista e a sua centralidade nas concepções do PDT, expressando a síntese entre a tradição e o novo; o trabalhismo socialista. Mas quais eram as marcas da nova tradição?

O novo trabalhismo possuía referências fundamentais em Getúlio Vargas e no governo de João Goulart, mas o grande elemento agregador era, sem dúvida, a figura emblemática de Leonel Brizola. Mais do que o antigo PTB, esse movimento reivindicava as heranças do “trabalhismo brizolista”. A sua liderança popular e a ousadia da sua ação revolucionária no pré-64 – muitos o consideravam o segundo maior líder revolucionário do país após Luiz Carlos Prestes – empolgavam distintos setores das esquerdas brasileiras.<sup>37</sup> Apesar da ascendência do dirigente petebista, o novo trabalhismo parecia não querer formar uma agremiação personalista, destituída de organicidade. O pluralismo assinalava os esforços realizados em prol da reorganização do PTB.

O seu documento fundador – a Carta de Lisboa – indicava a necessidade da diversidade nas alianças políticas com outros partidos democráticos e progressistas, e de uma relação não manipulatória com os movimentos sociais.<sup>38</sup> Internamente a pluralidade se expressava na reunião de grupos e indivíduos de origens distintas. Como um partido de massas, ele devia ser o estuário de diversas tradições das esquerdas.

---

<sup>36</sup> SANTOS, Theotonio dos. **O caminho brasileiro para o socialismo**. Petropólis: Vozes, 1985. p. 61; 62.

<sup>37</sup> Theotonio dos Santos destacava a boa convivência entre as tradições diversas, e algumas vezes adversárias, no interior do PDT através do belo episódio ocorrido no Encontro de Mendes, em 1983. Segundo o seu relato, o médico e antigo comunista Adão Pereira Nunes declarava: *“Brizola, quero dizer que você conseguiu unir a todos nós, e inclusive romper nossas velhas divergências. E eu estou aqui junto com um trotsquista que nós combatemos tanto tempo, e somos aliados completamente agora, juntos e tal, e acabou com essas divergências porque nós estamos construindo um partido a partir da unidade do povo brasileiro que você representa tanto”*. SANTOS, Op. cit., 2008.

<sup>38</sup> PDT. **Carta de Lisboa**. Op. cit., 2006, p. 8.



Ainda no exílio, o depoimento de Leonel Brizola ao socialista Moniz Bandeira enfatizava este compromisso:

*“Entendo, portanto, que o PTB, como um partido de massas, das grandes maiorias do País, deve ser amplo, isto é, deve congregiar todas as correntes do movimento popular, respeitando-se a liberdade de tendências. O PTB não pode fazer uma opção filosófica ou religiosa. Mas pode e deve abrigar, como um partido de massas, não só os que têm origem getulista e trabalhista, mas também cristãos de esquerda, socialistas, fabianos etc., desde que aceitem a sua doutrina e o seu programa”.*<sup>39</sup>

Preocupados em dotar o trabalhismo de uma feição mais ampla, diversos dirigentes entraram em cena. Socialistas como Theotônio dos Santos, Vania Bambirra, Betinho e Ruy Mauro Marini nutriam uma ambição: juntar no mesmo partido as três expressões populares mais radicais do Brasil pré-64, Brizola, Arraes e Prestes. Segundo Theotônio, Arraes nunca aceitou aproximar-se mais de Brizola. Prestes estava muito vacilante e envolvido com as suas diferenças no interior do PCB. Outras importantes lideranças trabalhistas do pré-64 não se incorporaram ao projeto. Almino Afonso tinha problemas com Brizola, resquícios das disputas com Jango, e Pedro Símón, apesar dos primeiros sinais positivos, optou em permanecer no PMDB.<sup>40</sup>

Entretanto o processo foi marcado pela presença de nomes importantes do trabalhismo, como Darcy Ribeiro, e de uma miríade de militantes e agrupamentos políticos: antigos getulistas e trabalhistas, petebistas ou não, socialistas, oriundos do PSB e de outras tradições, trotsquistas históricos como Edmundo Moniz, militantes do movimento estudantil e da luta armada, brizolistas, e, depois, prestistas e comunistas advindos do PCB.

O programa trabalhista estava maduro para assumir a tarefa histórica de transformação social no Brasil. Produto de uma reflexão crítica, de uma tradição e de um processo democrático, a professora e ex-militante da POLOP, Vania Bambirra,

<sup>39</sup> MONIZ BANDEIRA, Op. cit., 1979, p. 188; 189.

<sup>40</sup> SANTOS, Op. cit., 2008.



numa longa análise das propostas programáticas das principais agremiações brasileiras – PDS, PTB, PP, PMDB, PT e PDT –, assim justificava a escolha do PDT como alternativa para as esquerdas.<sup>41</sup> A agremiação combinava as heranças e a modernização do trabalhismo, propondo o socialismo como a meta principal do seu projeto. Todavia a estratégia pedetista preocupava-se centralmente com a transição, e por isso indicava os caminhos de um governo trabalhista na travessia para o socialismo:

*“Nesse sentido, do ponto de vista teórico e prático, o programa desse partido não é ainda um programa de transição socialista porque não propõe ainda a eliminação da propriedade privada sobre os principais meios de produção, nem tampouco a eliminação das relações de produção, tipicamente capitalistas como o trabalho assalariado e o capital – mas é um programa de transição ao socialismo, vale dizer de fortalecimento do Estado, da realização das reformas estruturais básicas que transformarão o capitalismo dependente e a dominação imperialista criando as condições para a edificação de um Estado de novo tipo, um Estado socialista”.*<sup>42</sup>

Conjugando a “tradição” e a “modernização”, o Encontro de Lisboa apresentava como novidade a transformação do trabalhismo na etapa fundamental de construção do socialismo em países periféricos como o Brasil. Fortemente apoiados na Internacional Socialista, os dirigentes e militantes ali reunidos defendiam uma concepção que ultrapassasse os modelos clássicos e eurocêtricos. Propunham uma nova abordagem para o país.

Depois das experiências fracassadas da luta armada, onde a população brasileira manteve-se afastada dessas causas, a preocupação dos “lisboetas” voltava-se para a divulgação de uma concepção que se amparasse nas tradições enraizadas na memória popular. A trajetória do trabalhismo aproximava-se delas. O resgate do nacionalismo democrático era essencial, pois no Brasil a luta socialista não havia trilhado os

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

<sup>41</sup> BAMBIRRA, Vania. **Os programas dos partidos políticos no Brasil: uma análise comparativa**. RS: Assembléia Legislativa do RS, 1981. p. 30.

<sup>42</sup> Ibid. p. 42.





caminhos clássicos europeus. Retomar o projeto do socialismo, portanto, significava, na visão de Theotônio dos Santos, transformá-lo num movimento de massas, identificado com o momento histórico do pré-64:

*“Esta análise histórica nos mostra que, no Brasil, o socialismo não se encarnou necessariamente num partido com um programa claramente definido. Ele se identificou com a ala popular de um amplo movimento de massas e de uma ampla frente de forças nacionalistas e democráticas” (...) Portanto, se o socialismo não pretende ser hoje um raio caído do céu na história do Brasil ou um movimento de minorias intelectuais, ele tem que identificar-se necessariamente com este vasto movimento histórico”.*<sup>43</sup>

A aproximação do “Novo Trabalhismo” com a Internacional Socialista justificava-se, pois o movimento brasileiro representava, na concepção de alguns intelectuais, uma variação da social-democracia em regiões periféricas, sem uma classe operária suficientemente forte, organizada e independente, mas com um forte movimento de massas, similar ao que representou a social-democracia na Europa.<sup>44</sup>

Convictos, o caminho traçado a partir do Encontro de Lisboa representava uma novidade para o movimento socialista brasileiro. Ao contrário das organizações tradicionais do campo das esquerdas, o seu projeto rejeitava cópias, estava “*despido de soluções importadas*”.<sup>45</sup> Superava a tradição eurocêntrica, e buscava sua identidade nas raízes nacionais. Mas também nas heranças revolucionárias latino-americanas. Para os trabalhistas esse era o sinal distintivo da sua proposição. E ele ficara eternizado pela alcunha “*socialismo moreno*”, conferida por Darcy Ribeiro.<sup>46</sup> Fernandes remarcava a existência de diversas referências a pensadores latino-americanos, como José Martí, nesta concepção:

<sup>43</sup> SANTOS, Op. cit., 1985. p. 62.

<sup>44</sup> No seu depoimento, Theotônio dos Santos resgatava a tese defendida por Moniz Bandeira em relação à manifestação do pensamento social-democrata em países como o Brasil (SANTOS, 2008b).

<sup>45</sup> PDT. **Carta de Lisboa**. Op. cit., 2006, p. 8.

<sup>46</sup> Theotônio dos Santos também relembra outras tentativas de conferir uma marca nacional ao projeto socialista. No Chile Salvador, Allende gostava de definir a experiência chilena como o “socialismo com vinho e empanadas”. Ver: SANTOS, Op. cit., 2008.



*“Mas essa questão do socialismo moreno foi cunhado pelo Darcy. O Darcy fala da civilização das Américas. Ele resgata toda uma série de pensadores latino-americanos que apontavam no sentido de que o alvorecer da nova civilização do futuro seria na América Latina, porque seria um 'cadinho' de culturas de todo o mundo que floresceria uma civilização morena. E que essa civilização morena ela seria socialista, porque o socialismo prega a igualdade”.*<sup>47</sup>

*“Um certo tempero libertário, que os países europeus não precisam”.*<sup>48</sup> A Juventude Socialista do PDT também estabelecia a especificidade do socialismo brasileiro. A herança colonial e a exploração ainda contemporânea do capitalismo internacional aproximavam o Brasil e a América Latina da perspectiva anti-imperialista. Ampliando o raio de percepção, reforçavam as alianças com o Terceiro Mundo.

Nos anos 80 o PDT agregou muitos militantes terceiromundistas. Anísio Cáder era um deles. Devido à origem síria e à centralidade da causa palestina realizou diversas viagens ao exterior, estreitando as relações do PDT com outras agremiações políticas. Ele destacava a influência de Neiva Moreira e da revista Cadernos do Terceiro Mundo sobre o PDT:

*“Neiva puxou muito o Brizola para esta questão. Brizola era membro da Internacional Socialista e participava de muitas reuniões da IS lá fora e ele começou a ter contato com algumas lideranças importantes, expressivas do terceiro mundo. (...) Brizola logo percebeu a importância do terceiro-mundismo para a formulação de um socialismo aqui na América Latina”.*<sup>49</sup>

<sup>47</sup> FERNANDES, Op. cit., 2007.

<sup>48</sup> JS (JUVENTUDE SOCIALISTA). PDT. **Cadernos da Juventude**. Vol. 1. RJ: s/ed., 2007. p. 11; 13.

<sup>49</sup> KADER, Op. cit., 2008. A revista Cadernos do Terceiro Mundo foi criada na Argentina, em 1974, por um grupo de jornalistas que combatiam os regimes ditatoriais em seus países. Entre os fundadores estavam Neiva Moreira, o argentino Pablo Piacentini e a jovem uruguaia (hoje naturalizada brasileira) Beatriz Bissio. A proposta editorial visava divulgar as lutas dos povos que lutavam contra a colonização na América Latina, na África ou na Ásia, desenvolvido pela ótica do jornalismo social, apresentando histórias, personagens e cenas que praticamente não apareciam na mídia convencional. Devido à pressão da ditadura argentina, a equipe retirou-se do país e a revista foi relançada no México, em 1976. Em 1980, a publicação passou a ser produzida no Brasil. RÉGO, Fausto. **Bom Combate**, [19??]. Disponível em: <http://www.wooz.org.br/entrevists9.htm>. Acesso em 08/03/2009.



Os laços eram intensos quando o assunto era a América Latina, especialmente as revoluções cubana e nicaraguense. No pré-64 a insurgência na Ilha caribenha influenciara os movimentos emancipacionistas no continente. A insurreição “Nica” era o processo mais contemporâneo de libertação nacional. Além disso, as conexões com Cuba eram antigas. Leonel Brizola possuía uma relação pessoal com Fidel Castro e muitos dos fundadores do PDT exilaram-se naquele país. O caráter nacionalista encantava os trabalhistas, e, mesmo entre aqueles que não vislumbravam a adoção desses modelos no Brasil, havia um respeito muito grande pelas razões históricas que levaram àqueles caminhos.

A causa terceiro-mundista se expressava através de ações solidárias internacionais. Além de painéis e exposições, as esquerdas brasileiras enviaram “brigadas de solidariedade” para a colheita de café e de cana-de-açúcar na Nicarágua e em Cuba respectivamente. Aurélio Fernandes lembrava tais iniciativas, organizadas a partir do setor de juventude. Antecedendo as viagens, o partido preparava reuniões e, exagerando o tom, explicava o tipo de trabalho a ser realizado: dormindo ao relento e sem comer direito, eles iam colher café numa área conflagrada, sob a invasão norte-americana, servindo de certa forma de “escudo humano” para evitar a destruição das colheitas. Nada parecido com um passeio. Mais próximo a um treinamento de guerra. De acordo com o trabalhista, o PDT foi bastante elogiado na época pela formação e informação dos “brigadistas”, pois os militantes de uma determinada agremiação (não citada) quase provocaram uma crise política internacional ao informar às suas famílias de que estavam presos num campo de concentração.<sup>50</sup>

Destacavam-se também as relações históricas do trabalhismo com a China. Segundo Vivaldo Barbosa, as origens dessa aproximação remontavam ao pré-64. João Goulart foi o primeiro grande dirigente ocidental a visitar o país. A crise vivenciada por ele durante a sua estadia, devido às pressões dos setores conservadores contrários à sua posse como presidente após a renúncia de Jânio Quadros, despertou nos chineses uma atenção para o trabalhismo. Assim o PC chinês sempre procurou manter contatos com o PDT e com Leonel Brizola através de muitos encontros e visitas.

---

<sup>50</sup> FERNANDES, Op. cit., 2007.



Na metade dos anos setenta uma lenta transição se apresentava ao país. Até a década anterior o grande eixo mobilizador era a ideia de revolução – gradual ou explosiva. O período subsequente – marcado pelo exílio, derrotas e desarticulação das esquerdas – forçou as reflexões, revisões e redefinições dos seus militantes a partir das experiências adquiridas em outras realidades e das novas discussões com as quais tiveram contato.<sup>51</sup>

A democracia tornou-se a palavra-chave das organizações de esquerda e dos movimentos sociais. As experiências autoritárias do socialismo de tipo soviético, a desarticulação de movimentos progressistas, e até mesmo revolucionários, por meio de sangrentos golpes de Estado e a frustração diante de promissores movimentos de libertação nacional impuseram a centralidade da questão democrática.

No Brasil, como apresentar para a maioria da população, ao fim de uma ditadura, uma proposição que passasse ao largo desse tema? Logo, o “novo trabalhismo” elegeu-o como uma peça fundamental do seu programa. No caminho brasileiro para o socialismo, democracia e liberdade articulavam-se na busca de saídas para a superação da situação de dependência histórica da nação.<sup>52</sup> A estratégia confrontava-se com o modelo clássico de revolução bolchevique, refutando a ideia de tomada do poder. O propósito do PDT era “*ascender ao poder*”. Aproximava-se assim do modelo parlamentar social-democrata, assinalando a necessidade de transformações através da via gradual e pacífica: “*o nosso socialismo há de ser construído através do voto livre, numa sociedade pluralista e civil, sem discriminar ou excluir quem quer que seja*”.<sup>53</sup>

O socialismo trabalhista destacou-se também pela introdução de novas abordagens, ainda não predominantes no pensamento e nas práticas políticas das esquerdas brasileiras. Ultrapassando a ação política classista, o PDT expressou as

---

<sup>51</sup> Ver esta discussão no livro da historiadora Denise Rollemberg – **Exílio. Entre raízes e radares**. 1ª. ed., RJ: Record, 1999 – e no seu texto da coleção *As esquerdas no Brasil – Memórias no exílio, memórias do exílio*. in: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). **As esquerdas no Brasil. Revolução e democracia. 1964 ...**, vol. 3, RJ: Civilização Brasileira.

<sup>52</sup> PDT. **Carta de Mendes**. Lisboa: Junho de 1979. in: PDT. *Cartas, programa, estatuto, artigos e textos*. Volume único, PDT, 2006, p. 17.

<sup>53</sup> *Ibid.* Além da presença central do elemento democrático nas suas formulações, vários trabalhistas preocuparam-se em redefinir a imagem de suas principais lideranças, principalmente Leonel Brizola, fortemente identificado com um viés autoritário, um caudilho.



demandas de movimentos alternativos que explodiam na Europa e nos EUA, fortalecendo-se também no Brasil. Temas como gênero, juventude, negros, índios, direitos humanos, educação e movimentos populares articulavam-se ao projeto pedetista:

*“O PDT foi muito marcado nesta compreensão de que era preciso o partido ser um instrumento dos marginalizados, a questão da mulher que é colocada como prioridade dentro do partido, o primeiro partido que colocou em seu programa político a questão da mulher, a questão do negro, do índio. Então os marginalizados receberam aí uma prioridade, uma definição muito prioritária na concepção do trabalhismo e da prática do trabalhismo nesta fase”.*<sup>54</sup>

Esta concepção já se apresentava desde a Carta de Lisboa, onde o PTB propunha uma campanha de salvação nacional voltada para o atendimento emergencial dos grupos sociais marginalizados na sociedade brasileira.<sup>55</sup>

A proposta difundia a percepção de um projeto genuinamente nacional, e disposto a formular uma política socialista não limitada à atuação clássica no movimento operário. Assim o “socialismo moreno” atraiu militantes destas novas formas de ação social. Foi o caso de Abdias do Nascimento, ativista do movimento negro:

*“Meu lugar é aqui. O negro, devido à sua própria condição e situação social, é socialista nato. Nós somos socialistas desde que nascemos. Nosso socialismo data de 1800, quando os quilombos, vindos da África, já lutavam pelos ideais socialistas. Nós temos um socialismo próprio e acho que temos uma grande contribuição a dar ao projeto de socialismo moreno do PDT. Eu advogo o socialismo e quero exercê-lo na prática, não só em teorias ou modelos estrangeiros.*

<sup>54</sup> BARBOSA, Vivaldo. **Entrevista**. RJ, 2008.

<sup>55</sup> PDT. **Carta de Lisboa**. Op. cit., 2006, p. 11.



*Temos que colocar todo nosso potencial de luta para que nosso país fique menos racista”.*<sup>56</sup>

O que unia distintas expressões políticas? A herança trabalhista e o projeto socialista se encontravam na busca da igualdade. Concebendo a educação como um princípio fundamental, ela adquiria uma centralidade no projeto pedetista, de maneira mais explícita e com uma dimensão muito mais abrangente do que no período anterior a 64:

*“(Brizola) compreendia que na política brasileira você não teria muita força para realizar uma política mais arrojada. (...) Ele compreendia que pela educação você conseguiria chegar mais próximo da igualdade”.*<sup>57</sup>

Vivaldo Barbosa também apresentava como uma novidade do trabalhismo a difusão da temática dos direitos humanos. Colocando-a no centro do debate político, ela permitiu a atualização do discurso pedetista. O tema derivou não apenas da importância do movimento pela anistia e das denúncias de tortura e de desaparecidos políticos, mas também da experiência de Leonel Brizola durante o seu exílio nos EUA: *“Ele usava muito a expressão, as duas palavras sínteses de princípios da política americana, **free and equal**, livre e igual. Então ele colocava muito isto como a busca da igualdade e da democracia conectada à visão socialista”.*<sup>58</sup>

---

<sup>56</sup> NASCIMENTO, Abdias. Abdias, 60 anos de luta pelos irmãos negros. Entrevista concedida a Lula Maia Soares. Abril de 1983. s/p. in: Acervo do AMORJ: Fundo PDT.

s/p. Foi o caso também de Lélia Gonzalez, intelectual e militante do movimento do movimento negro que se transferiu do Partido dos Trabalhadores para o PDT, após fortes críticas, feitas num artigo no jornal Folha de São Paulo, à ausência da questão racial no programa petista, em 1983. Filiou-se ao PDT em 1986 porque percebeu no programa da agremiação a prioridade às crianças, mulheres e negros. Ver: BARRETO, Raquel de Andrade. Aquela 'neguinha' atrevida: Lélia Gonzalez e o movimento negro brasileiro. in: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). **As esquerdas no Brasil. Revolução e democracia. 1964 ...**, vol. 3, RJ: Civilização Brasileira, 2007, p. 463.

<sup>57</sup> BARBOSA, Op. cit., 2008. Segundo Helena Bomeny era a ideia de “salvar” pela escola. Uma marca constante na trajetória política de Leonel Brizola, desde a prefeitura em Porto Alegre, entre 1956 e 1958, e incorporada como a principal marca do trabalhismo do PDT nos anos oitenta. Ver: BOMENY, Helena. Salvar pela escola: programa especial de educação. in: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **A Força do povo: Brizola e o Rio de Janeiro**. RJ: FGV; ALERJ, 2008. p. 95-127.

<sup>58</sup> Ibid. 2008.



Mesmo sem realizar uma profunda reflexão sobre a relação entre o PTB e os sindicatos no pré-64 – mas também precavendo-se das críticas que grassavam nas análises negativas sobre o petebismo – a Carta de Lisboa era enfática. As suas atitudes com os movimentos sociais seriam marcadas pelo pluralismo e tolerância, refutando a manipulação dos mesmos.<sup>59</sup> Na fala dos trabalhistas, as práticas condenáveis eram imputadas àqueles que ficaram no “partido de Ivete Vargas” ou ao período do presidente Dutra. Para Aurélio Fernandes, o trabalhismo nada tinha a ver com a ideia do imposto sindical “*para criar pelego*” ou com o uso da estrutura sindical “*para reprimir sindicato*”.<sup>60</sup> Se o peso da acusação de “populismo” estava completamente disseminado na arena política, o PDT tentava inverter os sinais em direção ao PT. A agremiação se diferenciava da “*concepção reivindicativo-corporativista*” do petismo, pois não confundia partido e organizações de massa.<sup>61</sup>

Para Theotônio dos Santos havia temores dentro do PDT de que as agremiações políticas atrelassem os sindicatos, transformando-os em “*correias de transmissão*”. Estes receios – originados, sobretudo, dos setores “social-democratas”, segundo ele – contribuíram para aumentar a debilidade do trabalhismo no seio de um movimento sindical fortemente atraído pela liderança petista.<sup>62</sup> O pouco enraizamento também se devia, segundo José Talarico, à centralidade da questão político-partidária (afinal o PDT se preparara desde a sua fundação para alcançar a presidência da república) e a ausência dos mecanismos existentes no período anterior, como o seu papel no ministério do trabalho.<sup>63</sup>

Assim, ao contrário do fenômeno do pré-64, o “Novo Trabalhismo” não adquiriu a mesma projeção sobre o sindicalismo que florescia desde o final dos anos setenta. Mesmo assim a presença do PDT não era residual, tornando-se expressiva em alguns setores – através de sindicalistas trabalhistas ou dos agrupamentos abrigados no partido. O grande problema era o seu frágil enraizamento nacional.

<sup>59</sup> PDT. **Carta de Lisboa**. Op. cit., 2006. p. 8.

<sup>60</sup> FERNANDES, Op. cit., 2008.

<sup>61</sup> BAMBIRRA, Op. cit., 1981, p. 25; 31.

<sup>62</sup> SANTOS, Op. cit., 2008.

<sup>63</sup> TALARICO, José Gomes. in: FREIRE, Américo (coord.) **José Talarico**. Depoimento ao CPDOC. Conversando sobre política. RJ: Núcleo de Memória Política Carioca e Fluminense/ ALERJ/ Fundação Getúlio Vargas. 1998.



No período anterior a 64, o PTB transformou-se num partido de massas porque conseguiu exprimir “*ideias, crenças, valores e códigos comportamentais que circulavam entre os próprios trabalhadores muitos antes de 30*”.<sup>64</sup> O desenvolvimento do partido expressou o amadurecimento político dos segmentos populares no Brasil e a sua incorporação ao jogo político nacional, optando de forma cada vez mais nítida por instituições que defendessem o programa nacional-estatista. Nutrindo-se desta tradição, renitente no imaginário popular mesmo após os anos de ditadura, o “novo trabalhismo” retomou as suas heranças, no final dos anos setenta, imprimindo-lhe novos significados. O sucesso alcançado, portanto, não foi fruto da “velha” manipulação “populista”, mas da capacidade de construir uma nova síntese. Positiva ou negativamente, o PDT combinara vícios e virtudes através do maior símbolo vivo do trabalhismo, Leonel Brizola.

### Ocupar a presidência da república como via para o socialismo?

Desde o retorno do exílio (ou dos “mortos” para aqueles que proclamavam o seu fim em 1964) o “novo trabalhismo” indicava a centralidade da conquista da presidência da república para a realização do seu projeto político. O caminho brasileiro para o socialismo passava pela execução de reformas em escala nacional a partir do controle do Estado brasileiro.

Neste trajeto o PDT pôde realizar um pequeno “laboratório” desta experiência, implementando políticas públicas a partir da sua vitória para o governo do estado do Rio de Janeiro em 1982. Assim a vitória de Leonel Brizola fora recebida como “*uma nova etapa política no país*”.<sup>65</sup> Era a redenção da fênix. Uma volta por cima, rodeada de simbologias, apreendidas pela visão de Arthur Poerner. A chegada triunfal de Brizola ao Palácio Guanabara, em 15 de março de 1983, “*ladeado por um negro e um índio*”<sup>66</sup> representava a maneira como o trabalhismo concebia a luta político-social no Brasil.

Era um socialista chegando ao poder, mas numa dimensão limitada, sem autoridade sobre as leis e sem o raio de ação nacional. Dessa forma o objetivo não era

<sup>64</sup> FERREIRA, Op. cit., 2001, p. 103.

<sup>65</sup> SANTOS, Op. cit., 1985. p. 91.

<sup>66</sup> POERNER, Arthur. **Brizola, quem é?** RJ: Ed. Terceiro Mundo, 1989.





implantar “*uma economia socialista num só estado da federação*”, mas principalmente executar “*medidas de emergência que (atenuassem) a pobreza absoluta e as violentas contradições sociais derivadas da distribuição negativa de renda*”.<sup>67</sup> Medidas que colocassem o povo na ofensiva e fortalecessem as condições para o sucesso trabalhista nas primeiras eleições presidenciais do país após a ditadura.

Demandas relacionadas a uma política igualitária, de redistribuição e de proteção social também foram desenvolvidas como parte do projeto trabalhista. Theotônio dos Santos assinalava, por exemplo, as iniciativas voltadas para a questão da fome, uma influência direta do ex-deputado Josué de Castro, como a política de distribuição de meio litro de leite para cada criança.<sup>68</sup> José Maurício também assinalava o projeto “Luz para todos”, responsável pela eletrificação de diversas áreas rurais fluminenses. Por fim o ambicioso projeto dos CIEP's<sup>69</sup> expressava a luta pela emancipação social e pela igualdade através da educação, principal bandeira da campanha de Brizola, ratificada no seu discurso de posse:

*“Povo algum conseguirá atingir qualquer grandeza, nem sequer tocar no que chamamos de desenvolvimento, enquanto não tratar com a mais alta prioridade desta questão, através de educação e assistência às crianças desde o ventre da mãe, aos adolescentes e aos jovens, de tal modo que a população se eleve globalmente”.*<sup>70</sup>

Estratégia articulada desde o Encontro de Lisboa, a experiência no Rio de Janeiro pôs à prova a capacidade do trabalhismo apresentar-se como uma alternativa

---

<sup>67</sup> Ibid à nota 66.

<sup>68</sup> SANTOS, Op. cit., 2008.

<sup>69</sup> Iniciado em 1984, sob a direção do Prof. Darcy Ribeiro, então Vice-Governador e Secretário de Ciência, Cultura e Tecnologia, o Programa Especial de Educação foi interrompido em 1987 e retomado em setembro de 1991 no 2º Governo Leonel Brizola, ainda sob orientação de Darcy Ribeiro. Já em dezembro de 1994, quatrocentos e seis CIEP's foram entregues à população do Estado, com a oferta de 205.800 vagas para o Ciclo Básico, 137.200 vagas para a Educação Juvenil, 52.800 vagas nos Ginásios Públicos e 30.000 para Ensino à Distância, num total de 425.800 alunos atendidos. Em 338 unidades foi implantado o Programa Especial de Educação, prevendo oito horas diárias de permanência na escola com as quatro refeições necessárias e atividades integradas ao *currículo* obrigatório do Ciclo Básico. Ver: MEMÓRIA, Tatiana Chagas. **CIEP's e GP's: Programa Especial de Educação**. Disponível em <http://www.fundar.org.br>. Acesso em 20/01/2008.

<sup>70</sup> BOMENY, Op. cit.



transformadora para o Brasil. O governo fluminense era a sua grande vitrine. Mas também uma vidraça.

No projeto do “Novo Trabalhismo” a conquista da presidência da república constituía-se num ponto nevrálgico: “*O presidencialismo tem uma capacidade de mobilizar muito forte e o Estado brasileiro, sendo um Estado forte, com a Constituição, poderia até se fazer uma revolução. A conquista da presidência era o objetivo maior*”.<sup>71</sup> Reeditando o percurso realizado pelo PTB até 64, as reformas de base tornavam-se uma condição essencial para a transição ao socialismo. O governo popular devia imediatamente implantar medidas de caráter emergencial, assegurando o mínimo de condições para a população e estimulando a sua organização e conscientização.<sup>72</sup>

Com esse objetivo a convenção nacional do PDT estruturou o Fórum Nacional de Debates dos Problemas Brasileiros buscando propor soluções para o país e “*agitar idéias*” para além do “*assessoramento tecnocrático*”. O eixo das suas propostas baseava-se nas concepções dos principais documentos do partido, defendendo a constituição de um novo modelo de desenvolvimento para a nação. Um elenco de medidas compunha o programa emergencial: o ataque à inflação e à carestia, um novo dinamismo para a produção das pequenas e médias propriedades, uma atenção prioritária para a criança em todas as fases da sua vida e as questões das dívidas externa e interna.<sup>73</sup>

As “perdas internacionais” era um dos carros-chefes do discurso de Leonel Brizola. As simbologias criadas em torno das suas ações como governador do Rio Grande do Sul, e também do Rio de Janeiro, atemorizavam o capital estrangeiro. Cabia esclarecer a política a ser implementada. Sem propor a expulsão do capital externo, o programa de 89 defendia a sua subordinação aos interesses nacionais através de um controle rígido das remessas de divisas para o exterior – tratadas como a grande causa da inflação e do desmantelamento da economia brasileira.<sup>74</sup> O Estado nacional forte assumia um papel estratégico no projeto trabalhista. As reformas deviam recuperar a sua

<sup>71</sup> BARBOSA, Op. cit., 2008.

<sup>72</sup> SANTOS, Op. cit., 1985, p. 117.

<sup>73</sup> PDT. **Dossiê Fórum Nacional de Debates dos Problemas Brasileiros**, 1989.

<sup>74</sup> COMITÊ DE JORNALISTAS DO MOVIMENTO NACIONAL LEONEL BRIZOLA, 1989, p. 9.



capacidade de intervenção na economia, de planejamento e de indução ao desenvolvimento econômico, social e tecnológico e nos serviços públicos.<sup>75</sup>

## Brizola não se tornou presidente. E o “Novo Trabalhismo” após 1989?

Ocupar a presidência da república para realizar reformas estruturais era central no projeto do socialismo trabalhista. A derrota em 1989 impingiu redefinições nesta política no momento da mais grave crise do campo socialista internacional e sob o impacto do sucesso crescente do principal oponente do trabalhismo no seio das esquerdas, o Partido dos Trabalhadores.

Esta rivalidade era recíproca. Enquanto o PT “demonizava” o trabalhismo, equiparando-os às piores deformações da política brasileira – populismo, clientelismo, fisiologismo e outros “ismos” – o PDT também identificava os “demônios” daquele partido. Era o caso das origens do petismo. Havia, e ainda é presente, um senso comum no PDT: a “denúncia” da origem “nebulosa” do seu rival.

Amor e repulsa embalavam as conexões entre os dois partidos. Para Theotonio dos Santos, apesar dos sinais emitidos pelo Encontro de Lisboa – moção de apoio ao surgimento do PT e proposta de diálogo –, as relações sempre foram difíceis. Ele relembra os duros comentários de Lula contra Brizola, chamando-o, por exemplo, de latifundiário.<sup>76</sup>

Apesar da relação sempre tempestuosa, a frente composta em 89, no segundo turno, contribuiu para o desenvolvimento de experiências comuns entre o PT e o PDT. Amadurecia em ambos os lados a idéia de que os dois partidos eram complementares, uma confluência indispensável para a construção de uma nova esquerda no Brasil.<sup>77</sup>

Lula havia sido o elemento imprevisto que impedira a passagem de Leonel Brizola para o segundo turno. Com um gosto amargo de fel muitos trabalhistas imputavam a culpa da derrota em 1989 ao PT. Mas a *débâcle* desnudava problemas mais profundos na organização partidária. Na visão de Vivaldo Barbosa, O PDT não atuara bem na eleição. Pouco estruturado, a agremiação falhara e não fora condizente

<sup>75</sup> PDT. **Boletim de Política Econômica do PDT**, 1989, p. 2.

<sup>76</sup> SANTOS, Op. cit., 2008.

<sup>77</sup> RIBEIRO, Darcy. **Confissões**. SP: Cia das Letras, 1998. p. 460.



com a possibilidade que se tinha ali: “o PDT na transição e em 89 não respondeu ao desafio que tinha”.<sup>78</sup>

A centralidade em torno das eleições presidenciais e a crença no carisma de Brizola bastavam para garantir a empreitada: “Eu ouvi isso do Brizola, ouvi isso de outros companheiros, que a questão da organicidade partidária era secundária. Nós tínhamos que ganhar a eleição. Ganhando a eleição, a partir do Estado, aí iria construir o partido que a gente necessitava”.<sup>79</sup> Após 89 explodiram dissensos que expressavam uma crise do projeto nacional do “Novo Trabalhismo”. Mas os problemas do PDT possuíam datação anterior, assinalando a persistência de práticas repudiadas no pré-64 e das quais foram duramente acusados. Pedetistas como José Talarico denunciavam a rápida transformação dos diretórios regionais da agremiação em instrumentos de grupos e de promoção pessoal, deixando à margem da composição das direções “velhos getulistas”.<sup>80</sup>

O PDT não havia sido criado para ser um “partido de chefe”. Trabalhistas como José Maurício destacavam a pluralidade e a democracia interna. A ascendência de Brizola era fruto da sua sensibilidade e da capacidade de captar e sintetizar as tendências das bases.<sup>81</sup> Todavia a centralização do dirigente era um fator que reprimia a evolução do partido, temeroso do desenvolvimento de quadros que se consolidassem e se impusessem sobre as decisões partidárias, questionando o seu controle pessoal.<sup>82</sup> Essas disputas entre Leonel Brizola e as lideranças ascendentes foram marcadas por crescentes defecções, como as de Jó Resende e de Saturnino Braga, vice e prefeito, respectivamente, eleitos pelo PDT no Rio de Janeiro.

Apesar do “Novo Trabalhismo” jurar a purga de todos os “vícios” do passado, as práticas fisiológicas eram renitentes e reincidentes. Anísio Kader indicava o apartamento entre aqueles que montavam centros comunitários das propostas socialistas defendidas por Brizola.<sup>83</sup> Para Jó Resende estas práticas estavam enraizadas na forma de se fazer política dos movimentos associativos durante a ditadura. Ranço histórico ou

---

<sup>78</sup> BARBOSA, Op. cit., 2008.

<sup>79</sup> FERNANDES, Op. cit., 2007.

<sup>80</sup> TALARICO, Op. cit., 1998, p. 345.

<sup>81</sup> LINHARES, Op. cit., 2008.

<sup>82</sup> SANTOS, Op. cit., 2008.

<sup>83</sup> KADER, Op. cit., 2008.



estratégia de sobrevivência, as relações clientelistas haviam sido muito bem cultivadas pelo governador Chagas Freitas. O percurso do PDT não conseguiu alterar a rota, e a cooptação de lideranças comunitárias tornou-se uma estratégia no governo Brizola:

*“Houve. Sem dúvida. (...) Acho que o que houve foi isso: Brizola tinha um pouco de medo daquele movimento novo que ele não conhecia, não dominava, e por isso mesmo, depois, quis cooptá-lo. No meio da minha última gestão na Famerj recebi ainda outro convite do governo. Salomão era secretário de Obras e me convidou para ser presidente da Feema. Colocamos outra vez o assunto em discussão no movimento, e novamente venceu a opinião de que eu não deveria aceitar”.*<sup>84</sup>

A “perda de paradigmas” estava na raiz de uma grande descrença em relação às possibilidades de superação da exploração. Para Lysaneas Maciel a crise organizacional do PDT não podia ser explicada, e superada, sem identificar o seu impacto sobre a disposição de homens e mulheres de fortalecerem o partido e construírem uma sociedade alternativa.<sup>85</sup> Além da grave derrota do seu projeto político nacional, o cataclismo que atingiu o campo do socialismo repercutiu sobre o “socialismo moreno” do “novo trabalhismo”.

Avaliado por muitos como um partido que utilizou a bandeira do socialismo de forma oportunista, o PDT não adotou o marxismo como doutrina fundamental do seu pensamento, nem seguiu o modelo das organizações leninistas. Entretanto o “Novo Trabalhismo” transitou muito bem por essas tradições, efetuando conexões com princípios clássicos do movimento socialista internacional. De forma empírica a presença de importantes personalidades – como Edmundo Moniz, Luiz Carlos Prestes e Moniz Bandeira, por exemplo – e de vários agrupamentos comunistas marxistas-leninistas atestavam a ligação muito próxima entre trabalhismo e socialismo nas suas mais variadas vertentes.

<sup>84</sup> RESENDE, Jô Antônio. **Depoimento**. Rio de Janeiro, CPDOC/ALERJ, 2001.

<sup>85</sup> MACIEL, Lysaneas. **Lysaneas Maciel (depoimento, 1998)**. RJ, CPDOC/ALERJ, 2003.



Pontos de convergência existiam. Eles demarcavam o pensamento das esquerdas no século XX, principalmente nas regiões do planeta denominadas “terceiro mundo”: o nacionalismo, o anti-imperialismo e o estatismo como elementos primordiais de um programa político de transformações sociais. O socialismo pedetista bebeu nestas tradições. Desde os anos radicais do trabalhismo, a aproximação entre Leonel Brizola e Fidel Castro demonstrava a força destes signos sobre a esquerda nacionalista no Brasil.

Na década de setenta, da social-democracia a sua cultura política incorporara a questão da democracia como um valor estratégico. Num esforço concentrado para transformar o trabalhismo na principal alternativa de poder no seio das esquerdas brasileiras após o fim da ditadura civil-militar, envolvendo inclusive distintas organizações em confronto no período anterior, ele acabou por receber um grande sustentáculo da Internacional Socialista.

Apresentando já naquele momento, a partir de algumas de suas seções, um significativo processo de revisão do socialismo, a integração do PDT à IS não ocasionou uma profunda reformulação na sua perspectiva nacional-estatista. Dessa forma o trabalhismo brasileiro expressava uma espécie de ala à esquerda, próxima das lutas terceiro-mundistas na América Latina, África e Ásia. Mesmo participando de uma instituição predominantemente social-democrata, o partido não se definia como tal. A Internacional Socialista era percebida muito mais como um fórum, uma frente ampla que congregava social-democratas, socialistas e uma série de movimentos – sobretudo no mundo periférico onde esta ideologia não estava muito bem definida – que não aceitava a social-democracia como uma referência doutrinária. A Internacional Socialista proporcionava o estabelecimento de laços internacionais e uma maior projeção sobre a opinião pública internacional, principalmente europeia, vital para evitar o isolamento político num momento de reformas.<sup>86</sup>

Renegando ou demonizando, as raízes da tradição trabalhista na política brasileira são incontestes. Num ambiente de ofensiva das direitas, a resposta elaborada por parte das esquerdas buscava no nacional-estatismo elementos que se contrapusessem ao pensamento neoliberal. A permanência do epíteto “populismo” permanece, e a vitalidade das suas proposições também. Por isso hoje a tradição

---

<sup>86</sup> FERNANDES, Op. cit., 2007.



trabalhista está dispersa em vários projetos políticos partidários ou de movimentos sociais.<sup>87</sup>

Sobre as práticas pelas quais recebeu a “rejeição” de segmentos expressivos das esquerdas – clientelismo, fisiologismo e personalismo – a política elaborada pelas mesmas no transcorrer dos anos oitenta são a evidência de que estes comportamentos não foram superados. Reincidentes, eles não atingiram apenas ao trabalhismo. Representando a permanência de antigas heranças políticas, demarcadas pelas relações pessoais e pelo localismo, demonstram também as dificuldades de uma agremiação promotora de um programa transformador propor mudanças radicais de médio e longo prazo diante de uma população que pensa as suas necessidades imediatas, esteja ela onde estiver. Podem ser os pobres das favelas cariocas ou os operários europeus. Apreendido como características de partidos de viés popular, localizados, sobretudo, na periferia do planeta, esse fenômeno também se verificou em diversas organizações das esquerdas mundiais sob outras formas. Atualmente impõe-se a necessidade de que tais demandas se transformem em políticas públicas desenvolvidas pela ação do Estado ou da sociedade civil.

O “Novo Trabalhismo” combinava a dimensão do antigo, possuía uma forte herança de mais de quarenta anos, e do novo, congregando agrupamentos neófitos, visões políticas alternativas e gerações diversas. O compromisso nítido com o ideário socialista constituiu-se numa novidade do projeto trabalhista a partir de 1979. Todavia, a centralidade da estratégia da conquista de governo e das responsabilidades inerentes às práticas institucionais logo no início da sua organização acabaram prevalecendo sobre os aspectos doutrinários, sobre a maturação de um programa mais definido acerca do socialismo.

---

<sup>87</sup> São os casos, por exemplo, dos programas políticos do Psol e do MST. O programa do Partido Socialismo e Liberdade defende nos itens 2 e 8: “*não há soberania, nem uma verdadeira independência nacional, sem romper com a dominação imperialista*” e “*Abaixo as privatizações. Estatização das empresas privatizadas. Expropriação dos grandes grupos monopólicos capitalistas*”. Disponível em: <http://psol.org.br/nacional/partido/programa>. Acesso em: 12/03/ 2009. No IV Congresso do MST, em 2000, as linhas políticas reafirmadas, assinalavam: “8. *Desenvolver ações contra o imperialismo combatendo a política dos organismos internacionais a seu serviço como: o FMI (Fundo Monetário Internacional), OMC (Organização Mundial do Comércio), BIRD (Banco Mundial) e a ALCA (Acordo de Livre Comércio das Américas). E lutar pelo não pagamento da dívida externa. Lutar contra as privatizações das empresas brasileiras. Defender a cultura brasileira frente as agressões culturais imperialistas*”. Disponível em: <http://mst.org.br/mst/pagina.php?cd=4179>. Acesso em: 12/03/2009.



O trabalhismo era o caminho brasileiro para o socialismo. Diante do colapso das experiências comunistas de tipo soviético, esta frase continuava definindo a perspectiva pedetista do “socialismo moreno”. Era como se ela carregasse consigo todas as respostas necessárias e conferisse ao projeto uma autoridade irrefutável. As experiências internacionais eram interessantes e importantes, mas, de fundo, transparecia a convicção de que o percurso nacional nada tinha a ver com elas. Por refutar o modelo do comunismo soviético encontrava-se afastada da dimensão mais grave da crise. Ao contrário de diversas organizações, que fizeram uma dura travessia naqueles anos – sobrevivendo aos piores momentos ou pulverizando-se –, o PDT não se envolveu com os dilemas abertos pela *débâcle* do bloco soviético.

O longo III Congresso, promovido pelo partido entre os anos de 1991 e 1993<sup>88</sup>, tornou-se uma das expressões emblemáticas dessa realidade. Buscando readequar e aprofundar muitos aspectos da sua política, ele visava, principalmente, ao horizonte das eleições presidenciais de 1994. Apegando-se às assertivas de que aquela crise comprovava a correção do seu caminho, os trabalhistas deixaram de realizar uma profunda reflexão sobre o impacto da crise no pensamento socialista. Sem perceber a velocidade da ofensiva neoliberal<sup>89</sup> não entenderam que ela se dirigia ao conjunto das esquerdas, em escala internacional, e não apenas a uma das suas visões.

No decorrer dos anos 90, à medida que se distanciava do seu projeto original – eleger Brizola presidente – o trabalhismo exibiu uma incapacidade cada vez maior de atualizar o programa trabalhista. À proporção que o Partido dos Trabalhadores introduzia uma série de referências nacional-estatistas, o “Novo Trabalhismo” perdia o seu espaço como a grande e incontestada expressão desta concepção.<sup>90</sup> Enquanto o colapso atingia “corações e mentes” de dirigentes, militantes e filiados, a ausência de

---

<sup>88</sup> Um congresso bastante extenso, os debates foram abertos entre os dias 6,7 e 8 /12/1991 e concluído entre os dias 27, 28 e 29/08/1993, no Riocentro. Dividido em duas etapas, ele foi constituído de cinco encontros intermediários e duzentas teses. PDT. “*Projeto Brasil*” (versão para a discussão). III Congresso Nacional do PDT – 1991 – 1993. in: Acervo do AMORJ: Fundo PDT.

<sup>89</sup> BARBOSA, Op. cit., 2008.

<sup>90</sup> Segundo Theotonio dos Santos e Vivaldo Barbosa a aproximação entre PDT e PT na campanha para as eleições presidenciais de 1998 proporcionou uma incorporação significativa pelo PT de vários aspectos programáticos do trabalhismo (SANTOS e BARBOSA, Op. cit., 2008).





respostas fortalecia as perspectivas pragmáticas. De outro lado reforçava a ideia de um retorno nostálgico ao “trabalhismo das origens”.<sup>91</sup>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BAMBIRRA**, Vania. *Os programas dos partidos políticos no Brasil: uma análise comparativa*. RS: Assembléia Legislativa do RS, 1981.

**BARBOSA**, Vivaldo. Entrevista à autora. RJ, 2008.

**BASSO**, Agenor. PDT. *Fontes trabalhistas. Realizações sociais*. Caxias do Sul, 2000.

**BOMENY**, Helena. Salvar pela escola: programa especial de educação. in: FERREIRA, M. M. (org.). *A Força do povo: Brizola e o Rio de Janeiro*. RJ: FGV; ALERJ, 2008. pp. 95-127.

**CHUAHY**, Eduardo. *Populismo, a quem serve a confusão conceitual?* RJ: Ed. Autor, 2002.

**D' ARAÚJO**, M<sup>a</sup> Celina S. *Sindicatos, carisma e poder. O PTB de 1945-65*. RJ: FGV, 1996.

**DELGADO**, Lucília de Almeida Neves. 1964: temporalidade e interpretações. in: **REIS**, Daniel Aarão; **RIDENTI**, Marcelo; **MOTTA**, Rodrigo Patto Sá (orgs.). *O golpe e a ditadura militar quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004.

**FERNANDES**, Aurélio. *O brizolismo e os 21 anos de PDT*. Texto. RJ, 2001.

\_\_\_\_\_. Entrevista à autora, 2007.

**FERREIRA**, Jorge. *O populismo e sua história. Debate e crítica*. RJ: Civilização Brasileira, 2001.

\_\_\_\_\_. *O imaginário trabalhista. Getulismo, PTB e cultura política popular*. RJ: Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. Leonel Brizola, os nacional-revolucionários e a Frente de Mobilização Popular. in: **FERREIRA**, Jorge; **REIS**, Daniel Aarão (orgs.). *As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical. 1945-1964*. Vol. 2, RJ: Civilização Brasileira, 2007.

**FERREIRA**, Luiz Henrique. Entrevista à autora. RJ, 2008.

**GOMES**, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. RJ: IUPERJ/Vértice, 1988.

\_\_\_\_\_. Trabalho e democracia. O PTB sem Vargas. in:

**GOMES**, Angela de Castro (org.) *Vargas e a crise dos anos 50*. RJ: Relume Dumará, 1994. pp. 144-146.

**GRIJO**, Luís Alberto. Alberto Pasqualini: o teórico do trabalhismo. in: **FERREIRA**, Jorge; **REIS**, Daniel Aarão (orgs.). *As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical. 1945-1964*. Volume 2. RJ: Civilização Brasileira, 2007.

<sup>91</sup> Ao contrário da bandeira estendida pelo PDT nos últimos anos, repudiando qualquer alteração da CLT, o III Congresso aprovava a necessidade de adaptação da Consolidação à realidade brasileira do final do século: (...) *Em virtude das circunstâncias em que, ao longo de meio século, a sociedade e a economia sofreram profundas transformações, impõe-se ampla revisão da CLT, mantidos, no entanto, preceitos e princípios que constituem reivindicações históricas das classes trabalhadoras na busca de formas de organização autônoma e independente*". Ver: PDT. **Projeto Brasil. Só a força do povo pode mudar o país.** (documento básico de trabalho). Disponível em: <http://www.pdt12.locaweb.com.br/primeirapagina.asp?id=94>.



# VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011  
www.veredasdahistoria.com

Ano IV - Ed. 1 - 2011  
ISSN 1982-4238

- KADER**, Anísio. Entrevista à autora. RJ, 2008.
- LINHARES**, Maurício. *Entrevista à autora*, 2008.
- MACIEL**, Lysaneas. *Lysaneas Maciel* (depoimento, 1998). RJ, CPDOC/ALERJ, 2003.
- MANESKY**, O.; **SAPUCAIA**, M.; **BECKER**, P. *Com a palavra Leonel Brizola*. RJ, 1994.
- MONIZ BANDEIRA**, Luiz A. Brizola e o trabalhismo. RJ: Civilização Brasileira, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Trabalhismo e socialismo no Brasil. A Internacional Socialista e a América Latina*. SP: Global Editora, 1985.
- PASQUALINI**, Alberto. Bases e sugestões para uma política social. 2ªed., PoA: Regel, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Manifesto*, s/d. in: PDT. Cartas, programa, estatuto, artigos e textos. Volume único, PDT, RJ, 2006. p. 27; 37.
- \_\_\_\_\_. *Carta de Lisboa*. Lisboa: Junho de 1979. in: PDT. Cartas, programa, estatuto, artigos e textos. Volume único, PDT, RJ, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Carta de Mendes*. Lisboa: Junho de 1979. in: PDT. Cartas, programa, estatuto, artigos e textos. Volume único, PDT, 2006, p. 17.
- \_\_\_\_\_. *Projeto Brasil. Só a força do povo pode mudar o país*. Disponível em: <http://www.pdt12.locaweb.com.br/primeirapagina.asp?id=94>., Acesso em: 10 mar. 2011.
- POERNER**, Arthur. Brizola, quem é? RJ: Ed. Terceiro Mundo, 1989.
- RESENDE**, Jó Antônio. Depoimento. Rio de Janeiro, CPDOC/ALERJ, 2001.
- RIBEIRO**, Darcy. *Confissões*. SP: Cia das Letras, 1998.
- SANTOS**, Theotonio dos. *O caminho brasileiro para o socialismo*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- SANTOS**, Theotonio dos. Entrevista à autora. RJ, 2008.
- TALARICO**, José Gomes. *José Talarico*. Depoimento ao CPDOC. in: **FREIRE**, Américo (coord.). RJ: Núcleo de Memória Política Carioca e Fluminense/ ALERJ/ FGV. 1998.

**AUTORA:** Izabel Cristina Gomes da Costa

**ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:** Praça Hilda, nº 6, apto. 602, Tijuca, CEP. 20540-050, RJ, RJ.

**TELEFONE:** (21) 2278 0009 / (21) 8742 9699.

**Recebido em: 12/02/2011**

**Aprovado em: 30/10/2011**

www.veredasdahistoria.com



# VEREDAS DA HISTÓRIA

1º Semestre de 2011  
[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

Ano IV - Ed. 1 - 2011  
ISSN 1982-4238

*Veredas da História*



[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)